

17

JOÃO ALPHONSUS — Primeiro sucessor da cadeira n. 9, João Alphonsus de Guimarães, filho do grande poeta Alphonsus de Guimaraens, nasceu em Conceição do Mato Dentro em 6 de abril de 1901 e faleceu em Belo Horizonte em 23 de maio de 1944. Fez os estudos primários em Mariana, fixou-se na Capital do Estado, em cuja Faculdade de Direito se diplomou, tendo antes frequentado a Faculdade de Medicina até o segundo ano. Promotor de Justiça e auxiliar jurídico da Procuradoria Geral do Estado, prestou assinalados serviços ao Ministério

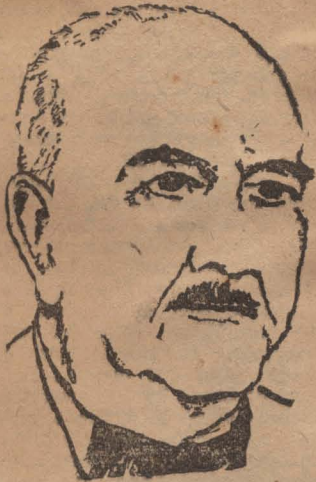


João Alphonsus

Público. Madrugou nas letras, pois aos dezessete anos firmava poesias, nas quais se vislumbrava formoso talento. Dêle é um admirável soneto, dedicado ao pai, e escrito antes de completar dezoito anos. Foi um dos iniciadores do movimento de vanguarda em Minas, ao lado de Carlos Drummond de Andrade, João Dornas Filho, Emílio Moura, Guilhermino Cesar, Rosário Fusco e outros. Colaborou na VERDE, de Cataguazes. Correspondia-se com Mário de Andrade, Manoel Bandeira e outros chefes de vanguarda, no âmbito nacional. Colaborando no DIÁRIO DE MINAS, assinou numerosos artigos de crítica literária.

Estreou "Galinha cega", "Totonho Pacheco", "Rola-Moça", romance premiado pela Academia Brasileira de Letras. Seu último trabalho foi — "Eis a noite!", admirável coletânea de contos. Em João Alphonsus, adensaram-se as prendas morais e intelectuais em conjunto harmonioso. Serenidade, circunscrição grave, mas pureza de intenção em todas as atividades do espírito, seguiu à risca a recomendação de Kipling, no famoso poema "If..." Deslumbrado sinceramente pela glória paterna, coligiu as poesias de Alphonsus, publicando-as em forma definitiva, com a cooperação de Manoel Bandeira. Escreveu para esse fim as admiráveis notas biográficas que acompanham a edição. A morte de João Alphonsus, após insidiosa moléstia, encheu de profunda consternação as letras mineiras, que nele perderam uma das figuras mais impressionantes da primeira geração deste século.

DJALMA ANDRADE — Segundo ocupante da cadeira n. 9. Nasceu em Congonhas do Campo em 3 de dezembro de 1894. Concluiu os estudos primários em Conselheiro Lafaiete, seguiu para Ouro Preto, onde cursou humanidades. Fixando-se em Belo Horizonte, diplomou-se em direito na Faculdade de Direito da Capital, em 1915. Chegou a tentar o curso de Medicina, tendo frequentado a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte até o segundo ano. Não se dedicou à carreira que abraçou, se não esporadicamente. Sua predileção invariável sempre foi, como continua a ser, a do jornalismo, que exerce com extremos de devoção quase religiosa. Poeta dos mais altos de Minas e do Brasil contemporâneo, imutável na técnica, dentro de linha rigorosamente clássica, sem concessão alguma para as inovações do chamado, modernismo, publicou "Vinha ressequida", "Sátiras", "Versos de ontem e de hoje", "Versos escolhidos e epigramas", "Poemas para as escolas", "História alegre de Belo Horizonte" (1º vol.) e "Bandeira, linda bandeira". Colaborou em quase todos os jornais do Brasil. Mantém, na atualidade, uma coluna diária no "Estado de Minas". Eleito para a Academia em 1944, foi recebido em 2 de julho de 1945. Fez-lhe o elogio Honorio Armond (Rev. da Academia, vol. ZVII, pag. 186).



Djalma Andrade

A personalidade do acadêmico foi sempre objeto de desencontrada análise, e esse desencontro de pontos de vista é seu grande e verdadeiro elogio. Para Nilo Bruzzi, o poeta é um verdadeiro demônio na sátira. Agripino Grieco entende que Djalma é um moralista. Honorio Armond diverge do famoso crítico. A impressão que fica ao leitor, ante as divergências, é a de que o poeta é terrível, arrasador. Grande,

grandíssimo engano. Djalma Andrade, em rigor, sempre foi um admirável e extraordinário coração. Sonetista perfeito, escreve "Ato de caridade", que é uma página evangélica em perolas legítimas de lirismo puro. É profundamente místico em "Mater admirabilis", vai ao terreno maravilhoso da ternura cristã. Não se pense que é apenas o sonetista impecável de sempre. É também prosador. É, mais ainda: orador. Não orador, de frases campanudas, de voos tribunicios, mas o artista que sabe dizer bem o que pensa. Sua conferência na Academia Mineira em dezembro do ano passado a respeito de Bocage merecia gravada, tal a riqueza dos conceitos que emitiu a respeito da mensagem bocagiana. Djalma Andrade é um dos grandes nomes da Academia, a cujas sessões não falha.

Ricardo L. Hoffmann

Folha de S. Paulo, 12.2.1968
Nasci em Criciúma

Falando de si próprio, Ricardo L. Hoffmann começa: «Nasci em Criciúma, na zona do carvão em Santa Catarina, em 1937 e até os onze anos vivi de uma cidadezinha para outra no interior do Estado. Meu pai foi escrivão federal. Não ficava mais do que um ano em nenhum lugar. Até que fomos parar em Blumenau onde fiz todo o meu curso secundário em colegio de padres. Aos 18 anos vim fazer o curso de Direito em Florianópolis, onde me formei em 1960 e fiquei, depois de ter feito uma tentativa de advogar no interior do Estado, que fracassou quando ao ler meu primeiro conto premiado de revista, resolvi ficar na galóia do serviço publico para poder cantar de escritor nas horas vagas. Resolvi me entregar à aventura literaria e continuo mergulhado nela até o pescoço, pronto para me afogar se não houver outra saída.